

LIBERTÉ, IGUALITÉ, LGBT! – A PRODUÇÃO CULTURAL DE LIBERTAÇÃO DA CISHETERONORMATIVIDADE

Lucas Silva Dantas

*Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
lucaseducadore@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 22 –IDENTIDADES E (NÃO)REPRESENTATIVIDADES DE
LGBTQIA+ NA LITERATURA, NO CINEMA, NA MÚSICA E NA TELEVISÃO DO
BRASIL*

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar como a produção musical, cinematográfica e literária produzida por pessoas LGBTQIAP+ conseguem aliar poesia e ativismo na luta por liberdade, igualdade e emancipação. Através da análise de trechos de músicas, cenas de filmes e trechos dos livros selecionados, será feita a análise de conteúdo no que tange a crítica a cisheteronormatividade e a construção de uma nova subjetividade libertária presente nestas produções. A escolha deliberada das obras terá como enfoque não somente o conteúdo, mas a representatividade dos artistas, brasileiros e LGBTQIAP+, mesclando as diversas lutas existentes nas questões de gênero e sexualidade. Para conduzir a pesquisa será utilizada a metodologia da encruzilhada epistêmica, criada por Lucas Dantas (2021), que tem como objetivo encontrar o ponto em comum entre todas as obras analisadas, desvendando assim o que perpassa todas essas manifestações artísticas. Entre os diversos artistas analisados pela pesquisa estão as cantoras Linn da Quebrada, Ventura Profana, Bia Ferreira e Caio Prado; os escritores Caio Fernando Abreu, João W. Nery, Cassandra Rios e Loris Ádreon; os filmes Corpo – Sua Autobiografia, Bixa Travesty, Tatuagem e Antes o Tempo não Acabava. Os resultados encontrados apontam que todas as produções tem a cisheteronormatividade como o ponto central a ser combatido, como aquilo que alimenta a LGBTfobia e a violência, ao mesmo tempo que constroem caminhos possíveis na elaboração de uma nova subjetividade, que vibra pela liberdade, pela igualdade e pelo empoderamento de pessoas LGBTQIAP+.

Palavras-chave: Arte, Ativismo, Lgbtfobia, Cisheteronormatividade, Empoderamento.

ABSTRAT

This research aims to analyze how the musical, cinematographic and literary production produced by LGBTQIAP+ people manage to combine poetry and activism in the struggle for freedom, equality and emancipation. Through the analysis of excerpts from music, film scenes and excerpts from selected books, content analysis will be carried out regarding the criticism of cisheteronormativity and the construction of a new libertarian subjectivity present in these productions. The deliberate choice of works will focus not

only on content, but on the representation of Brazilian and LGBTQIAP+ artists, mixing the various existing struggles on gender and sexuality issues. To conduct the research, the methodology of the epistemic crossroads, created by Lucas Dantas (2021), will be used, which aims to find the common point between all the works analyzed, thus unveiling what permeates all these artistic manifestations. Among the various artists analyzed in the survey are singers Linn da Quebrada, Ventura Profana, Bia Ferreira and Caio Prado; writers Caio Fernando Abreu, João W. Nery, Cassandra Rios and Loris Ádreon; the films *Body – His Autobiography*, *Bixa Travesty*, *Socrates* and *Before Time Didn't End*. The results found show that all productions have cisheteronormativity as the central point to be fought, as what feeds LGBTphobia and violence, while building possible paths in the elaboration of a new subjectivity, which vibrates for freedom, for equality and for the empowerment of LGBTQIAP+ people.

Keywords: Art, Activism, LGBTphobia, Cisheteronormativity, Empowerment.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa nasce da angústia da não visibilidade e da não representatividade de pessoas LGBTQIAP+ nas produções culturais envolvendo o cinema, a literatura e a música. Nasce com a inquietação de uma pessoa Trans Não Binária, Panssexual, que procurava incessantemente por outras histórias que não as heterossexuais e cisgêneras, como são a grande maioria das produções. Mas que por vezes encontrava uma produção ou outra, caricaturada, estereotipada, feita para rir aqueles que não são nós, que não vivem o que vivemos, que não sabem o que sabemos, que não passaram pelo que passamos.

Diante disso é necessário pensar em duas questões: ausência de produções culturais LGBTQIAP+ em grande escala, e a ausência de visibilidade e representatividade em grande parte daquelas que existem. Assim, torna-se necessário não apenas criar tomando como perspectiva nossas questões, pautas e atravessamentos, torna-se necessário pensar que essa pessoa que canta, atua, escreve, performa também precisa ser uma de nós. E não apenas para assegurar a responsabilidade de criar algo que nos representa, porque isso muitas de nós podem falhar miseravelmente, mas sobretudo para que corpos que nunca estiveram nestes espaços de criação e produção possam ocupá-los por inteiro, possam ter trabalho, dinheiro, possam fazer outra coisa para além do que fizeram de nós.

É preciso pensar que a representatividade é muito mais do que representar, e que a visibilidade é muito mais do que estar visível. Existem milhões de camadas que estão

por trás disso e do nosso lugar de fala. Existe uma opressão estrutural que há séculos assassina e desumaniza pessoas trans, travestis e não binárias, uma opressão que condena gays, lésbicas, bixas, sapatões, bissexuais, pansexuais, assexuais, entre outras identidades e orientações, para o inferno das catacumbas que não nos fazem prosperar. Entender isso é compreender que a nossa ausência nas produções culturais foi construída historicamente e sistemicamente com nosso sangue e nossa dor, e quando estamos cobrando representatividade e visibilidade estamos querendo muito mais do que ser representado ou estar visível.

É partindo desse lugar que essa pesquisa buscar analisar produções culturais LGBTQIAP+ no cinema, na literatura e na música, conciliando a visibilidade, a representatividade, a potência do encontro de quem produz e de quem consome, de quem anseia e também daqueles que odeiam quando ficamos visíveis demais. Para elencar essas produções foram definidos os seguintes critérios: selecionar 4 obras de cada linguagem (cinema, música, literatura) totalizando 12 obras escolhidas, todas as obras precisavam ser necessariamente brasileiras, produzidas ou protagonizadas por pessoas LGBTQIAP+, mesclando as diversas lutas de gênero e sexualidade existentes dentro desta comunidade. Dessa forma, foram selecionadas as seguintes produções:

CINEMA	MÚSICA	LITERATURA
Corpo – Sua Autobiografia (Cibele Appes e Renata Carvalho)	Álbum “ Pajubá ” (Linn da Quebrada)	Viagem Solitária (João W. Nery)
Bixa Travesty (Claudia Priscilla e Kiko Goifman)	Álbum “ Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor ” (Ventura Profana)	Meu Corpo, Minha Prisão (Loris Ádreon)
Tatuagem (Hilton Lacerda)	Álbum “ Variável Eloquente ” (Caio Prado)	Morangos Mofados (Caio Fernando Abreu)
Antes o Tempo não Acabava (Fábio Baldo e Sérgio Andrade)	Álbum “ Igreja Lesbiteriana, Um Chamado ” (Bia Ferreira)	Eu sou uma lésbica (Cassandra Rios)

Para a análise das obras foi utilizado a metodologia da encruzilhada epistêmica, criado por Dantas (2021), onde o objetivo é encontrar o ponto em comum entre todas as obras analisadas, fazendo assim uma analogia com o centro da encruzilhada como representativo do ponto em comum que conectam todas as ruas e avenidas. O referencial teórico adotado permeia pesquisadoras e pesquisadores LGBTQIAP+ do campo das artes e das humanidades de modo geral, com o objetivo de contribuir na análise do conteúdo e de engajar reflexões já feitas pelas obras analisadas.

Desta forma, o desenvolvimento do texto estará dividido em duas categorias, que ilustram o resultado encontrado pela metodologia da encruzilhada epistêmica: a crítica a cisheteronormatividade e a construção de uma subjetividade libertária. Dentro dessas duas categorias serão trazidos trechos de cada uma das obras no que tange a esses dois objetivos, romper a estrutura que nos quer mortas e apagadas e construir para nós um outro lugar potente fora da norma, fora do padrão, fora da culpa e do pecado que nos foram lançados.

CRÍTICA A CISHETERONORMATIVIDADE

“Estou procurando, estou tentado entender, o que é que tem em mim que tanto incomoda você, se é a sobancelha, o peito, a barba, o quadril sujeito, o joelho ralado, apoiado no azulejo” (QUEBRADA, 2017). É com esses versos que Linn da Quebrada abre o álbum “Pajubá”, como quem procura, como quem conclama, como quem questiona o que tanto incomoda em nós, corpos LGBTQIAP+, corpos travestis e transviados, corpos fora da norma, corpos quebrados e reconstruídos nessa insistência em denunciar o CISTema e questionar, o que tanto incomoda você?

Assim como em “Pajubá”, o álbum de Ventura Profana “Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor” é uma forma de cantar como protesto, cantar como forma de encantar, cantar para proclamar uma outra história. Pois “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, o que foi preparado, pras que foram perseguidas por ser trava no sistema” (PROFANA, 2020). O sistema é esse manancial de opressão, esse monte de empilhar corpos, de perseguir os que destoam, os que se diferenciam, os que não cumprem as regras.

“Quem foi que definiu o certo e o errado. O careta e o descolado. A beleza e o horror. Quem foi que definiu o preto e o branco. O que é mal e o que é santo. O ódio e o amor?” (FERREIRA, 2019). Bia Ferreira nos brinda no álbum “Igreja Lesbiteriana, Um chamado” registros que são possíveis identificar como aquilo que contesta as definições históricas de gênero, raça, sexualidade, e uma série de outras definições que nos fizeram historicamente desumanizar uns, enquanto humanizamos outros. Para que sejamos “condenado feito bicho na coleira (...) condenado feito bruxa na fogueira”, como canta Caio Prado no seu álbum “Variável Eloquente” (2014).

A cisheteronormatividade é o que faz com que sejamos “não recomendado à sociedade”, que sejamos “pervertido, mal amado, menino malvado (...) má influência, péssima aparência, menino indecente, viado” (PRADO, 2014). Da música até a literatura, falamos da cisheteronormatividade, falamos do preconceito, da dor, denunciemos o que nos tira o sono, o armário que nos aprisiona, a humanidade que nos roubam.

Então, enquanto outros dois me seguravam firmemente tapando a boca para abafar meus gritos, outro me violentava. Depois foram se revezando até todos ficarem satisfeitos. Havia, porém, uma outra ideia “genial” concebida pelo líder do grupo: introduzir no corpo violado e ferido diante deles, já sem forças para gritar ou fugir, uma pedra escolhida num monte ao lado, para que o garotinho se lembrasse de que “se contasse o ocorrido a alguém, lhe fariam algo ainda pior (ÁDREON, 1985, p. 15).

Lóris Ádreon relata em seu livro “Meu corpo, minha prisão: Autobiografia de um transexual” as múltiplas violências que sofreu por ser um corpo trans, violências que vinham com desejo e ódio, tesão e violência, por parte daqueles que não toleravam sua existência e a queriam punir satisfazendo seus desejos. A violência também aparece de forma latente no conto “Terça-feira gorda” do livro “Morangos Mofados” de Caio Fernando Abreu, denunciando uma sociedade que ainda se utiliza de todas as formas de violência, inclusive a física, para violentar pessoas LGBTQIAP+. “Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas” (ABREU, 2013, p. 58).

Na obra “Eu sou uma lésbica” de Cassandra Rios a cisheteronormatividade está presente como aquilo que internalizamos do mundo, o ódio contra nossa própria existência, considerada desviante e indesejada pela sociedade. “Simplesmente sei o que

sou e por isso sofro. Não tenho conflitos para soterrar ou desenterrar. (...) Apenas tenho a minha verdade amalgamada à carne como ao meu espírito” (RIOS, 2006, p. 38). E assim a cisheteronormatividade vai nos apartando do amor, do afeto, dos direitos básicos da existência. Como o episódio narrado por João W. Nery em seu livro “Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois” sobre sua luta enquanto uma pessoa trans para utilizar o banheiro. “Moço, aqui é banheiro das mulheres! O dos homens é lá do outro lado! Passei vários apertos do gênero até descobrir um banheiro só para professores. Isolado, mas que me obrigava a subir três lances de escada” (NERY, 2011, p. 96).

No filme “Antes o tempo não acabava” Anderson Tikuna é um indígena que vive na periferia de Manaus, habitando um entrelugar tanto geográfico quanto social, trazendo a discussão sobre identidade não só cultural, mas também em relação ao gênero e sexualidade. A personagem se vê entre dois lugares de ausência, a de sua cultura em relação a colonialidade e do seu gênero em relação a sua cultura. Em uma das cenas pergunta “Como você concilia seu futuro com sua personalidade se o mundo parece defini-la pelo seu passado?” (ANDRADE; BALDO, 2017). Essa pergunta escancara a negação da cisheteronormatividade em relação ao reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans, do seu direito a modificar seu gênero, em transicionar, em modificar o passado e o futuro. Esta discussão sobre corporalidade também está presente no filme “Corpo – Sua Autobiografia” de Renata Carvalho e Cibele Appes.

Ele sempre chega antes, na frente. Ele é um muro, um outdoor, um letreiro piscante. Eu quero lhes apresentar a história do meu corpo. Não que meu corpo precise de apresentações, ele é bem conhecido, famoso. Está nos jornais, nas revistas e até na TV. Talvez, pela minha voz, vocês até já tenham me descoberto. Minha voz é reconhecível. Ela também me entrega. Essa voz, corpo. Eu sou uma Travesti (APPES; CARVALHO, 2020).

A negação do corpo trans como mais um corpo comum possuidor de direitos é que o faz com que a engrenagem do CISTema perpetue de forma a excluir e apartar esses corpos da sociedade. Ao mesmo tempo a corporalidade dissidente anuncia um momento em que o corpo fala mais do que qualquer palavra, grita sem a voz, emerge como aquilo que destoa, que entrega, que não se esconde, que sempre chega na frente. E que por isso é julgado, mutilado, executável. É aquilo que atenta contra a moral e os bons costumes, o valor da pátria, da família, do cidadão de bem, aquele que nos mata. Como no filme “Tatuagem” de Hilton Lacerda em que a companhia de teatro “Chão de Estrelas” tenta

performar a liberdade em plena ditadura, mas para a censura o espetáculo é sempre um atentado, proibido, irrevogável e irrecorrível!

A cisheteronormatividade é aquilo que apequena a nossa existência, aquilo que não nos permite fluir, que nos faz existir resistindo, amar resistindo, respirar reexistindo. Mas no avesso dela é que estão as nossas táticas e estratégias de conversão da doença que ela causou em nós, é que está a nossa força em devolver essa interpelação onde não somos os estranhos, os doentes, os patológicos. Essa é a essência encontrada em todas as obras analisadas, um posicionamento, uma denúncia, um desabafo, um cansaço da norma. Mas como nos elucida Foucault (1993), onde há poder, há resistência. Fizemos tantas coisas para que estivéssemos nessa condição, e como nos elucida Linn da Quebrada no filme “Bixa Travesty”, e “acharam que a gente não fosse fazer nada?” (GOIFMAN, PRISCILA 2019).

CONSTRUÇÃO DE UMA SUBJETIVIDADE LIBERTÁRIA

“Se achou o gostosão, pensou que eu ia engolir? Ser bicha não é só dar o cu, é também poder resistir” (QUEBRADA, 2017). A arte produzida por artistas LGBTQIAP+ é uma resposta a LGBTfobia, a cisheteronormatividade, as estruturas de poder que não nos contemplam, o mundo que nos boicota. Através dela manifestamos a nossa subjetividade, nos libertamos da culpa e do carregamento colonial, destruimos o armário e construímos para nós uma outra subjetividade, aquela que não é fruto da culpa, da castração, do autoboicote, mas aquela que se sustenta, que coloca no mundo e que expande. Pois “nós somos o evangelho, o evangelho, o evangelho do fim (PROFANA, 2020).

O álbum Pajubá de Linn da Quebrada é um dos poucos e raros álbuns de funk escrito e cantado por uma pessoa trans, por uma Bixa Travesty. Nele Linn evoca seus desejos e canta para que todes nós possamos ultrapassar as barreiras normativas que se instauram sobretudo nos nossos desejos. Através dos trechos “Ih aí, o machão ficou com medo? Mas pra que eu quero sua pica, se eu tenho todo esses dedos”; “Tu podia até ser último boy do planeta, que eu vou dar pra Deus e o mundo, vou dar até pro capeta! Mas se depender de mim, tu vai morrer na punheta!”; “Eu gosto mesmo é das bixas, das que são afeminada, das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada, eu vou falar mais

devagar pra ver se consegue entender, se tu quiser ficar comigo, boy, vai ter que enviadescer” (QUEBRADA, 2017), ela canta como quem quer subverter o lugar de poder onde o homem, másculo, heterossexual, branco, cisgênero, está sempre por cima, reinando sob as nossas cabeças!

As letras do álbum Pajubá (2017) também revelam como a bissexualidade e a panssexualidade podem ser vistas do ponto de vista da expansão e libertação dos nossos desejos, de não reduzirmos o nosso querer somente a normatividade que nos maltrata, mas que possamos olhar sobretudo para outros corpos dissidentes privados do afeto, do tesão, do desejo e do amor. Como canto final Linn evoca “entrega o teu corpo somente a quem possa carregar” (2017).

“Juntas em unção, fizemos da cruz a encruzilhada. Nos levantamos do vale de ossos secos. Transformamos pranto em festa. Nossos cus em catedrais. Conhecemos os mistérios por com eles andar” (PROFANA, 2020). Já no álbum de Ventura Profana - “Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor” - as letras evocam um posicionamento travesti frente a essa espiritualidade cristã que nos coloca como aquelas que devem ser apedrejadas. Sua subversão poética cria traquejos de vida frente as pulsões de morte de uma sociedade racista e transfóbica. “Nem luto, nem luta. Vou brincar de transmutar a alma. Fazendo inferno. Pra dívida impagável ser paga. Eu quero de volta, tudo que o devorador roubou” (PROFANA, 2020).

“Então ame, e que ninguém se meta no meio. O belo definiu o feio pra se beneficiar. Ame e que ninguém se meta no meio. Por que amar não é feio neguinho, o feio é não amar” (FERREIRA, 2019). Os álbuns “Igreja Lesbiteriana, um Chamado” e “Variável Eloquente” de Bia Ferreira e Caio Prado, são um acalanto diante do amor. As letras permeiam a construção de uma subjetividade que não nos faça matar o melhor em nós, o amor. O amor que sentimos pelo mundo, o amor romântico, o autoamor, o amor para a poesia. “Ei, você, que brilha na escuridão. Perdido na confusão. Baila comigo essa canção. Vem cá me dê a mão. Me conta essa aflição que te alucina. Vem cá me dê a mão. Encosta a sua urgência na cadência” (PRADO, 2014).

Para Caio Fernando Abreu quando dois corpos que foram proibidos de se amar se amam já é uma ação libertária, um movimento contra a correnteza do mundo, um encontro sobre o não poder, sustentado pelo querer, de corpos que se afinizam. Em seus contos no

livro “Morangos Mofados” (2019), Caio narra a (im)possibilidade do afeto homossexual, a beleza dos morangos, e o mofo que é a violência, a normatividade. Sua poesia mostra o poder do encontro e a junção entre almas que transcende toda violência.

A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos (ABREU, 2013, p. 58).

Essa beleza e a violência que acompanha o nosso caminhar também é narrado por Cassandra Rios no seu livro “Eu sou uma lésbica” (2006). A coragem de Cassandra era proporcional ao quanto era boicotada e perseguida pelos seus livros. Cassandra era vista como uma criminosa, por escrever romances lésbicos, romances não heterossexuais. O próprio título do seu livro ressalta esse lugar de afirmação, em contraponto a estrutura do armário, que tem como objetivo apagar a autonomia e a liberdade das pessoas LGBTQIAP+. Sua força foi transgressora numa época em que se assumir era sinônimo de morte. “A censura consciente impõe a minha verdade com toda a sua força, e eu não reprimo a energia dos meus desejos, que buscam a sua realização. O que eu quero afirmar é que em mim tudo é natural, consciente, vivo, espontâneo” (RIOS, 2006, p. 39).

A construção de uma subjetividade libertária está presente nas autobiografias de João W. Nery e Lóris Ádreon, um homem trans e uma mulher trans, que viveram rodeados por todas as formas de violência, de perseguição e desumanidade. Duas pessoas que ao decidirem escrever suas histórias afirmaram também um lugar de luta, um lugar de resistência, de força e de inspiração para muitos outros corpos trans que vieram depois deles. Ao relatar uma tarde de encontro com outros amigos homens trans num quiosque João W. Nery escreve “(...) aquele grupo de amigos, todos com cicatrizes no peito e na barriga. Acho que parecíamos veteranos de alguma guerra, o que de certa forma era de verdade.” (NERY, p. 230). Essa guerra que é ser uma pessoa trans no país que mais mata pessoas trans do mundo, e ainda assim sobreviver e narrar a sua história.

Numa tare chuvosa, Oitameno adentrou a sala todo encharcado com um saco plástico na mão, dentro do qual havia uma revista. Subimos a meu quarto enquanto ele dizia: “Meu amor; não pude esperar a chuva passar para vir te mostrar uma reportagem inédita com o “pai das operações transexuais, o Dr. Harry Benjamim. Está reportagem nos esclarecerá muitos fatos a respeito, e

nos possibilitará saber que direção tomar para dar início à busca de ajuda ao seu caso” (ÁDREON, 1985, p. 101).

Em sua autobiografia Lóris narra uma série de violências, estupros e transfobias que sofreu durante toda sua infância e adolescência. Em meio a dor e a inadequação social ela encontra Oitameno, um homem indígena cisgênero que a ama, a protege e vislumbra junto com ela as possibilidades de alcançar seus desejos, em relação a sua transição e sua identidade de gênero. A relação deles enquanto dois corpos dissidentes vivenciando as violências da sociedade colonial é um afago, uma esperança, um norte diante de tanta dor trazida na sua vivência. O amor é também uma das formas de construir essa subjetividade libertária, amar não somente quem nos ama, mas ama também os processos que carregamos. Pois como nos lembra Renata Carvalho “nós escolhemos viver com a nossa própria pele, isto é sobre eus” (APPES; CARVALHO, 2020).

“Eu pensava em tu quando olhava, homem era você, mulher era você, todo menino era você, toda menina era você, você estava dentro da minha xícara de café da manhã, boiando, dourado” (Tatuagem, 2013). No filme “Tatuagem” o amor é o que une os personagens Clécio e Fininha. Clécio carrega o poder e a libertação da arte, a fluidez de combater um sistema sendo uma bixa, artista, em plena ditadura. Fininha vive o oposto, está alistado no exército, vive numa família tradicional e religiosa, tem um relacionamento heterossexual, mas se apaixona por Clécio e por tudo que a sua energia evoca. Em plena ditadura a companhia de teatro “Chão de Estrelas” em que Clécio é diretor evoca a autonomia, a libertação sexual, a hipocrisia da ditadura e os processos de facismo por trás das relações humanas. Mesmo enfrentando a censura irrevogável, os corpos do “Chão de Estrelas” brilham, resistem, conclamam, cantam e dançam o amor, a liberdade, a emancipação!

Quando eu conheço alguém ou passo a conviver com alguém, sempre faço de tudo para levar esse alguém ao teatro para me assistir. Hoje, posso levar até o cinema. Faço isso desde que comecei em 1996. E sempre, ao final dos espetáculos, esses alguém vêm ao meu encontro com um outro olhar. A arte transforma, muda esses olhares. Me olhem agora por inteira, nos olhos (APPES; CARVALHO, 2020).

Em seu filme “Corpo – Sua Autobiografia” Renata Carvalho compartilha trechos de produções culturais sobre corpos trans junto com os relatos de sua vida pessoal, seus

processos de transição e sua trajetória na arte. No trecho colocado acima fica evidente que para ela, a arte pode ser um lugar em que podemos trocar as nossas lentes cisheteronormativas viciadas por outras que deem um espaço para esse encontro decolonial, esse encontro que não está pautado no julgamento do outro, na impossibilidade da empatia.

Nossos corpos rompem a lógica da normatividade, por isso, quando afirmamos nossa existência, estamos afirmando uma existência dissidente que ressignifica aquilo que significaram para nós. Como faz Linn da Quebrada em seu filme “Bixa Travesty” quando se refere as mulheres trans e travestis no trecho “ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher, ela tem jeito, tem bunda, tem peito, e um pau de mulher!” (GOIFMAN, PRISCILA, 2019). Como faz Anderson Tikuna no filme “Antes o tempo não acabava” quando desenha linhas tribais em seu peito ao mesmo tempo em que passa batom vermelho, reafirmando sua cultura e seu gênero, que podem coexistir num mesmo corpo.

A arte é o que permite que possamos ser vistas por inteira, é quem acolhe os nossos processos e as nossas subjetividades, é uma forma de compartilhar com o mundo nossas dores, de nos encontrarmos numa dimensão onde os pilares patriarcais não imperam, a arte é um caminho de existência e transgressão. É a possibilidade de criar uma subjetividade outra, de se recriar, de nascer de novo, de sermos a libertação quando queriam que fôssemos armário, silêncio, escuridão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se não existe arte sobre nós então nós não existimos. A cultura é a expressão e a manifestação de um povo. E o nosso povo – pessoas LGBTQIAP+ – passaram pelas catacumbas da história. Foram amarrados num canhão, queimados em praça pública, internados em clínicas de reversão, amarrados dentro dos armários da existência. Quiseram nos apagar e nos exterminar de todas as formas. Assim como fazem com todos aqueles dissidentes, assim como fazem com a população negra, indígena, as pessoas com deficiência. O nosso querer era um não querer, o nosso poder era um não poder, nós éramos a promessa ao contrário, o retrato do que não ser. Queimaram o que escrevemos, sumiram com o que registramos, silenciaram o que cantamos, essa é a cisheteronormatividade e o seu papel de manutenção.

No entanto, como canta Ventura Profana, nós somos o evangelho do fim! E a nossa arte vem para reafirmar a nossa existência, vem para confundir e atordoar os padrões de normatividade do sistema, vem para produzir a crítica, para expor os limites, para destruir as barreiras, para que possamos nos reapresentar, nos apresentar uma segunda, terceira, quarta, vez, para quem sabe assim possamos gerar alguma coisa outra, algum sentimento não mesquinho, não colonial, não rotulado.

Todas as produções artísticas analisadas carregam na sua essência a crítica a cisheteronormatividade como um sistema a ser combatido, como aquilo que alimenta o que nos mata, assim como carregam a potência de criar uma subjetividade libertária, que não seja baseada nos padrões cisheterossexuais de narrativas, mas que seja uma subjetividade outra que dialogue com o seu profundo, com o profundo que existe em nós e quer ecoar. Esses dois resultados são frutos da investigação trazida pela metodologia da encruzilhada epistêmica, com o objetivo de encontrar o ponto em comum entre todas as obras. E esses são os pontos, a crítica e a proposta, a denúncia e a criação, a morte e a vida. Uma coisa nos leva a outra, existimos como existimos porque nossa existência passa impreterivelmente pela normatividade, isso é o que ela faz com nós. Mas a nossa arte é o que nós fazemos dela e nisso podemos apostar que temos batalhada, temos guerreado, temos ocupado e temos expandida, esse também é o nosso mundo. Criar é demarcar, é cravar que existimos e que estamos aqui!

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ABREU, Caio F. **Morangos Mofados**. Editora Companhia das Letras, 2019.

ÁDREON, Lóris. **Meu corpo, minha prisão: Autobiografia de um transexual**. Editora Marco Zero, 1985.

ANDRADE, Sérgio; BALDO, Fábio. **Antes o Tempo não Acabava**. 2017. Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/Antes-O-Tempo-N%C3%A3o-Acabava/0JGLW90DU73QFYBH7BYQKAKOAD/ref=atv_nb_lcl_pt_BR?language=pt_BR&ie=UTF8 acesso em: 17/10/2021

CARVALHO, Renata; APPEL, Cibele. **Corpo – Sua Autobiografia**. Sesc Pompeia, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEx6s7b4a9U> acesso em: 04/10/2021

FERREIRA, Bia. **Igreja Lesbiteriana, Um Chamado**. 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/0EIU2CZR08BffDKE1bXB8z> acesso em: 07/10/2021

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

GOIFMAN, Kiko; PRISCILA, Cláudia. **Bixa Travesty**. O2 filmes, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=76-Up6y7Axw> acesso em: 09/10/2021

LAERDA, Hilton. **Tatuagem**. Imovision, 2013. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81295580> acesso em: 11/10/2021

NERY, João W. **Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois**. Editora Leya, 2011.

PRADO, Caio. **Variável Eloquente**. 2014. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4H7HWIDL1h8bHx1OmPL3cx> acesso em: 04/10/2021

PROFANA, Ventura. **Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor**. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4zTGuPoa5D4WkiDEMWOE3A> acesso em: 08/10/2021

QUEBRADA, Linn. **Pajubá**. 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4DFEnokszxr009HcIVKlo7> acesso em: 04/10/2021

RIOS, Cassandra. **Eu Sou uma Lésbica**. Editora Beco do Azogue, 2006.